

COLEÇÃO “HISTÓRIAS DE GOIÁS”: transferência da Capital, da cidade de Goiás para Goiânia.

Autora: Cristina Helou Gomide

Introdução

A Coleção Histórias de Goiás é uma série de pequenas obras referentes à história regional do Estado de Goiás. São seis volumes, cada qual trazendo uma temática diferente. O grupo de autores das obras é formado por professores e mestres em História, formados pela Universidade Federal de Goiás. Trata-se de um projeto que foi efetivado graças ao apoio da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira e à Universidade Estadual de Goiás.

A finalização de uma Pós-graduação custeada por bolsas, cujas dissertações ficavam “engavetadas” ou disponíveis para pesquisas acadêmicas, gerou uma inquietação sobre a função social de nosso trabalho. A preocupação em lançar algumas temáticas e questões referentes a elas pareceu-nos atrelar-se ao “novo” currículo, em que a história local está compondo parte das discussões de sala de aula, de alunos dos ensinos fundamental e médio.

Sem qualquer pretensão de suprir uma produção inexistente, nosso anseio foi discutir a história regional através de documentos e imagens, trazendo algumas considerações discutidas por nós durante o mestrado.

De fato, o que vimos através dessa produção, foi uma possibilidade de apresentar a esses alunos, uma discussão calcada numa visão de história em constante construção, cujo tempo não é homogêneo nem vazio, pois é carregado de “presente”.¹ Como já disse, se a história está em constante fazer-se, não é uma tentativa de esgotar nenhuma das discussões sobre a história local, mas sobretudo inicia-la no âmbito das escolas, além dos ambientes acadêmicos.

Ao trabalhar o específico – o local – também abordamos a pluralidade cultural. Temos a oportunidade de admitir as múltiplas memórias e temporalidades inerentes a história. Nesse sentido, o trabalho a partir de uma temática local/regional, tem como perspectiva, diluir as dicotomias históricas, que acabam por dividir a história local, deslocando-a de uma história nacional, por sua temporalidade e fazer-se diverso.

Experimentamos o processo histórico do local em que vivemos e o debatemos, discutindo nossas tradições. Abordar a noção de espaço, vendo-o nas suas multiplicidades é um veículo para que os alunos e alunas se sintam como produtores da história do lugar em que vivem. No seu

¹ Ver BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História” in Obras Escolhidas, São Paulo: brasiliense, 1994, p. 228-9.

sentido mais amplo, o conceito de região é uma forma competente de se trabalhar as diferenças entre as diversas culturas. Nesse sentido,

(...) a idéia de região, não importa qual conteúdo lhe seja conferido, relaciona-se basicamente com a noção de espaço. O conceito de região surgiu da necessidade do homem entender e ordenar as diferenças constatadas no espaço terrestre e, desde então, vem procurando dar conta, segundo os conhecimentos e a compreensão próprios de cada época histórica, exatamente da diversidade da organização espacial do planeta.²

A coleção “Histórias de Goiás” vem – nessa direção - abordar o específico para promover a reflexão acerca das diferenças. Buscamos aqui, ressaltar a importância da história regional no currículo escolar. Procuramos trazer à discussão algumas considerações sobre os conceitos de cidade, campo, cotidiano, festas e infância através de textos que se pretendem simples e acessíveis a toda a comunidade.

São – a princípio – cinco volumes: “**História de Goiânia**” do professor Eliézer C. de Oliveira, “**História da transferência da Capital**” da professora Cristina H. Gomide, “**História das festas em Goiás**” das professoras Maria do Socorro de Deus e Mônica Martins, “**História da infância em Goiás: séculos XVIII e XIX**” da professora Diane Valdez e “**História da questão agrária em Goiás**” do professor Valtuir M. da Silva.

Pretendemos, com essa coleção, levar ao conhecimento dos diversos segmentos da sociedade, em especial aos alunos e alunas das escolas públicas de ensino fundamental e médio, um pouco da nossa produção acadêmica – ainda tão restrita para muitos segmentos da educação. Essas obras, fruto de nossas dissertações de mestrado³, são conclusões obtidas através de pesquisas e leituras temáticas.

História da transferência da capital – o conteúdo discutido.

Os desafios da história regional envolvem a necessidade de se abordar uma história antes não retratada, cuja produção ficava subjugada à produção dos profissionais dos chamados “grandes centros”. Num primeiro instante, os estudiosos da história regional se preocuparam em escrever uma “outra história” e, militantemente produziram textos apaixonados e bastante subjetivos. No entanto esse foi um momento necessário. Percebemos hoje que a história regional pode abordar o

² AMADO, Janaína. História e Região: reconhecendo espaços. In SILVA, Marcos ^a da (coord) República em migalhas – história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 10

³ Todos as autoras e autores concluíram o mestrado no Programa de Pós-Graduação em História das Sociedades Agrárias da Universidade Federal de Goiás.

concreto e o cotidiano, fazer a ponte entre o individual e o social, sem defini-los separadamente – ou ainda, simplesmente sem defini-los.

Essa área de estudo tem conseguido retratar o que às vezes denominamos história dos “marginalizados” e, conduzir ao conhecimento de todos a história de outros locais que não sejam os chamados “grandes centros” – como Rio de Janeiro ou São Paulo.⁴

Dessa forma, a obra “História da transferência da capital” é um paradigmático pensado para trabalhar o específico, o local, não descartando a história já produzida por outros profissionais locais, nem sobre outros lugares do Brasil ao longo dos anos. Mostramos nesse livro, que as representações sobre modernidade e patrimônio histórico estão presentes no nosso processo histórico. No entanto, a abordagem da história local, é pensada também no seu hibridismo, já que falamos aqui, das memórias, das histórias que compõem esse campo do regional goiano. A história vista como transformação e campo de tensão, não apresenta respostas, mas debates.

Assim, visamos apresentar alguns elementos do processo de transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia, também no seu âmbito político. Há uma preocupação em delimitar as datas e os locais citados ao longo do texto, enfatizando os marcos temporais que consideramos importantes para a compreensão do processo.

As tensões nas relações sociais na cidade de Goiás antes da transferência da capital, fazem parte da discussão dessa temática, como caminho para compreensão do modo como se engendra os fatos locais. Algumas informações conteudistas são repassadas na leitura, como as discussões que antecederam a mudança da capital, suas implicações políticas e outros momentos em que a transferência da capital da cidade de Goiás para um outro local já havia sido pensada.

Compreender esse momento histórico é uma forma de perceber a história política do Estado em que vivemos; suas relações com o Governo Federal no decorrer do tempo; as mudanças e permanências na história de Goiás. Vista como um ato político, a transferência da capital foi fundamentada – para Pedro Ludovico Teixeira e seus coligados à época da década de 30 do século XX – na falta de infra-estrutura e no pouco crescimento demográfico da cidade de Goiás. Em nome desse discurso, Goiânia – a nova capital e uma cidade planejada – foi planejada para surgir como uma cidade moderna, sobretudo em relação à antiga Vila Boa de Goiás – uma cidade de origem colonial.

As casas, as ruas e os prédios administrativos da nova cidade começaram a emergir, se contrapondo às construções da antiga capital. O traçado presente no plano de edificação de Goiânia demonstrava que a nova capital precisava surgir para representar uma capital – uma cidade político administrativa. Em contrapartida, para enfatizar a modernidade proposta para Goiânia, enfatizou-se também o caráter religioso e colonial da “velha” Vila Boa: suas casas construídas a meias paredes; a

⁴ AMADO, Janaína...op. cit. P. 7-15

falta de um sistema de água e esgoto; os morros da Serra Dourada como entraves para o crescimento da cidade. Portanto, a cidade de Goiás apareceu como um local em que o progresso era praticamente impossível.

Aliado ao pequeno crescimento populacional da cidade de Goiás, Goiânia surgiu para acolher um número maior de moradores, num traçado mais individualizado da vida cotidiana. A idéia foi que Goiânia se tornasse a referência de progresso para o estado de Goiás e fizesse parte da história do Brasil com a imagem de uma cidade moderna.

Com base no desenrolar dessas múltiplas representações que compõem a história da transferência da capital, delimitamos nosso estudo para 1930-1945. Apesar do retrocesso temporal feito na parte introdutória do trabalho, tivemos em 1930 um marco histórico fundamental, pois retrata a Revolução de 30 em Goiás, as alternâncias de governos e os resultados que isso promoveu no plano regional. Com base nesses dados, trabalhamos a história que se engendrou na década de 30 em Goiás.

Na tentativa de propor uma leitura mais didática e objetiva, o livro está dividido em dez partes, sendo a última subdividida em outras cinco. São elas: 1- Como surgiu o arraial de Sant'Anna?; 2- Goiás – de 1822 a 1930: algumas considerações; 3- Início do período republicano em Goiás; 4- A distância e a construção das ferrovias em Goiás; 5- A agricultura e a pecuária: quando se intensificaram?; 6- Saneamento e política em Goiás nas três primeiras décadas do período republicano; 7- A infra-estrutura e o cidadão em Goiás; 8-as cidades como referência; 9- A revolução de 1930, em Goiás e a posição política de Pedro Ludovico Teixeira; 10- A transferência da capital; 10.1- As diferenças entre as cidades de Goiás e Goiânia; 10.2- A oposição à mudança da capital; 10.3 – Quem defendia a mudança da capital ?; 10.4- O projeto e a transferência da capital; 10.5- Goiânia – que cidade era essa?

Utilizando-nos de algumas imagens e fotografias do acervo do Museu Pedro Ludovico Teixeira, acreditamos promover a análise e a relação do texto com a iconografia de época, buscando – além de outras coisas - tornar mais sedutor o estudo da história. Além disso, a fotografia é uma forma de olhar o que foi olhado e idealizado pelo fotógrafo. Como uma fonte de interpretação da história, a imagem torna-se um dos fortes mecanismos de diálogo com a imagem visualizada pelo autor da foto e seu momento registrado.

A fotografia (...) repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como realidade, foi apreendido pelo olho do observador.⁵

⁵ MANGUEL, Alberto. Lendo Imagens – uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 93.

A apresentação de fontes históricas - como trechos de jornais de época – termina de compor esse trabalho, que é apenas uma primeira iniciativa que visa atender as necessidades dos professores e professoras, e que tem a preocupação de contribuir na produção de conhecimento dos alunos e alunas do Estado de Goiás e demais regiões brasileiras.